

# "O tempo é o maior dos inovadores" - BACAN

## Prezado leitor...

FOLHA DA JUVENTUDE, órgão oficial da A. J. C., é o teu jornal, e o de toda a juventude.

Por isso mesmo todo jovem pode e deve colaborar.

O que gostarias de ver na FOLHA DA JUVENTUDE? O que achas da mesma? Tens alguma sugestão a fazer? O formato do mesmo, os artigos, as secções, te agradam? Se não, dize-nos com franqueza, dá-nos tua opinião que a receberemos com prazer.

Toda correspondência deve ser endereçada para S. MIGUEL, Rua Madre Miguelinho, 17 - Nesta.

# FOLHA DA JUVENTUDE

FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

ORGÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO DA JUVENTUDE CATARINENSE

ANO I — N. 5

**Diretor**  
ANTONIO PALADINO

Julho — 1947

**Redator-chefe**  
ADEMAR AMERICO MADEIRA

## O DENOMINADOR COMUM

Por ROBERTO MACHADO

Faminto, maltrapilho, seguia pelo campo coberto de neve, aquele viajante sem rumo, sem bússola, desorientado na imensa amplidão do deserto. Vinha de longe, tão de longe que o tempo e as gerações já tinham apagado toda a recordação do seu ponto de origem. Nasceu no deserto, assim como o seu pai, seu avô e todos os seus ascendentes, que em vão procuraram a terra prometida. O vendaval varria a superfície gelada, transportando verdadeiros blocos de neve que lhe chicoteavam a face já enrijecida pelos sofrimentos diários. Suas pernas trôpegas mal se moviam, tão grande era o cansaço, o frio e a falta quasi completa de alimentação.

Seus olhos adquiriram a rigidez do aço. Suas reservas físicas já estavam completamente esgotadas, e somente um milagre, um grande milagre poderia salvá-lo. Contudo ele prosseguia vacilando. O instinto de conservação, porém, ainda gritava-lhe fortemente, estimulando-o a persistir na jornada em procura da salvação e da vida. Até quando poderia ele suportar as inclemências da natureza? Não o saberia responder. Entretanto, havia necessidade urgente de encontrar um lugar onde pudesse descansar e refazer as forças já tão combatidas. Sua viagem prosseguiria até que fosse localizado o porto ameno da paz e da felicidade. A indecisão de seu espírito manifestava-se nos seus passos irregulares, sem uma direção estudada e sem um norte definido. Parou para, dentro da enorme confusão em que se encontrava, ver se conseguia estabelecer um rumo certo ante a grande incerteza que pairava no horizonte. A fadiga, todavia, impossibilitava totalmente qualquer pensamento claro. Seu raciocínio estava toldado, a pesar da alvura da neve, embrutecido, atrofiado pelas constantes vicissitudes de sua vida erradia. Ele continuou sua marcha, ainda sem rumo, para o Desconhecido, para o Sofrimento e talvez para a morte.

\* \* \*

Assim se me assemelha a pobre Humanidade, caminhando verga-

### AOS CLUBES JUVENIS

As páginas da nossa folha acham-se ao dispor de todos os Clubes de jovens. Remetam suas notas de convocações, resultado dos jogos, reuniões literárias, para a nossa redação.

da sob o peso de sua própria incompreensão. Extenuada pelas guerras estereis e fratricidas, onde os meios de destruição superam tudo o que a imaginação jamais concebeu, ela se encontra na mais dramática situação que a história

registra. Crise moral, crise religiosa, crise política, eis aí em rápidas palavras a síntese da sociedade atual.

A moral do presente é insustentável pelo seu anacronismo. Uma outra moral, em bases mais sólidas e mais objetivas, deve ser erigida, tendo por finalidade o fator HOMEM e o consequente aperfeiçoamento de sua vida espiritual.

Religiões mais humanistas deveriam assegurar-nos, não somente a paz eterna, mas, também, condições decentes e dignas de seres humanos, porquanto ninguém pode alimentar com preceitos religiosos o vazio que existe no estômago, nem lutar, com as mãos atadas, as religiões.

A crise política, esperemos, não sabemos mais qual a esta geração vêno que predomina de hoje. As Democracias, apenas, criações de espíritos utópicos e metafísicos, são intervencionistas no sentido econômico, estipularam restrições à pluralidade de partidos e afastar-se, cada vez mais, de sua precípua finalidade. As Ditaduras, isto é, os regimes chamados totalitários, pretendem ter em seus sistemas preceitos democráticos, órgãos de representação popular e intitulam-se exclusivos defensores das liberdades humanas. A confusão é enorme. As diferentes estruturas políticas, entretanto, só têm contribuído para aguçar as desinteligências internacionais, criar dificuldades e eternizar a guerra. Ambos os regimes são imperialistas e possuem tendências para a dominação mundial.

A base do mundo futuro está no espírito de tolerância, na compreensão dos mútuos problemas que avassalam as nações. A paz há de chegar baseada na amizade, no sentimento de solidariedade social, e não no respeito servil ao poderio militar dos vários países. Ela há de vir quando o Homem tiver compreendido que o egoísmo é o nosso pecado original, a base de todos os ódios incontidos. Chegamos no ápice da Cultura e da Civilização, e, contudo, não somos felizes. A evolução social terá forçosamente que vir, e "um mundo só" será um sonho realizado que colocará o Homem dentro da sua verdadeira função no Universo. Enquanto lá não chegarmos, tudo persistirá e o caos será o denominador comum.

## INDIFERENTISMO E INTERESSE IMEDIATO

Para os conservadores, a expressão "Mocidade Moderna" está se tornando sinônima de "Mocidade Anêmica". Anêmica de ideais, anêmica de ação e anêmica de sentimentos. Sofre de caquexia, querem eles dizer. Erro sádico que sugestionou a maior parte dos nossos jovens. Assim impressionados, convencidos da sua fraqueza geral, calram no indiferentismo servil e maleável, não sabendo distinguir onde está a alegria de viver: Se na ação ou na inação, se no espírito ou na matéria, se na própria vida ou na morte. Querem viver uma vida que não é a atual, nem tão pouco a passada e a do futuro; não é uma vida de pensamento, nem de sonho mas é uma vida de PESADELO!!! Sem o saber, esses jovens estão "traindo a sua época e, o que é pior, estão traindo a si mesmos".

Compreendam os moços, não só alguns, mas todos, que Mocidade Moderna, não é uma mocidade materialista, não é uma mocidade sensualista, insensível, anêmica, pusilânime que dá um passo, apenas para obter o interesse próprio e imediato, por-m Mocidade Moderna é a totalidade dos moços, interessada no seu "direito" de influir nos destinos do mundo; e tem a convicção de que "ser livre é fazer o que se deve e não, fazer o que se quer". Ela compreende a derrota sem ser derrotista, cai mas se levanta. É força, é dinamismo, é potencial intelectual e por ser assim é que se chama "Mocidade Moderna" e se distingue de todas as outras. Ela é semelhante àquela fase dos grandes rios, de águas puras e cristalinas que se jogam e se precipitam nos abismos, barulhentas e borbulhantes, em cachapuz abaixo; que espumeja, que grita e se revolta.

Ali está a energia capaz de iluminar o mundo, aproveite-se essa força, antes que enfraqueça e caia naquele indiferentismo das águas paradas ou das águas preguiçosas que correm serenas, plácidas, indiferentes para o Oceano Imenso da outra vida.

Os moços devem orgulhar-se do título e provar aos fracos e aos conservadores a sua nóbre e verdadeira intenção. Para provar torna-se necessário que os jovens trabalhem, pensem, estudem e considerem.

Convém demonstrar a intenção, concretizando os ideais e transformando as ações em fatos reais, tornar tão evidentes os seus propósitos que qualquer reacionário se envergonhe de contestá-los.

A Mocidade Moderna não deve fazer outra coisa senão exteriorizar verdades e sentimentos, tão naturais, que subam do coração aos lábios, sem que a razão os distoie. Para tanto faz-se mister a educação, mas uma educação constante e sadia, desde a primavera ao inverno da vida. Façamos de cada lugar, uma escola; de cada pessoa, um mestre; de cada momento que passa, uma lição.

Impeçamos que a "tuberculose mental" tome conta da juventude ainda não sugestionada pela falha "ciência popular" e pela mente atrofiada dos conservadores intolerantes. A Mocidade Moderna tudo interessa, ela não compreende o indiferentismo perante à vida, mesmo que esse indiferentismo tenha tido origem numa trágica e poética peça da vida, porque ela sabe que o mundo não para e não espera pelos que tropeçam e caem. Ser indiferente é sonegar ao mundo remédios que ressuscitariam um morto. Ser indiferente é negar cooperação, é viver à sombra, olhando a luz sem ousar prová-la.

O indiferentismo leva o homem a obter as coisas sem trabalho e a fazer somente aquilo que lhe traz interesse imediato.

O lavrador não planta para colher no dia seguinte, nem a terra o recompensa mais tarde, se ele não a preparou com sacrifícios e conselras e também com entusiasmo.

Indiferentismo e interesse imediato eis os bacilos da tuberculose mental e de que a Mocidade Moderna está imune.

### AVISO

Avisamos que só serão aceitos os artigos que viessem devidamente assinados e não nos responsabilizamos pelos conceitos emitidos nos mesmos. Os artigos, mesmo os não publicados, não serão devolvidos.

A REDAÇÃO

# L I T E R A T U R A

Direção de:  
**SALIM MIGUEL e**  
**C. BOUSFIELD VIEIRA**

## “INQUIETAÇÃO” --Um Livro Arrumadinho

**Aulicus**

Muitos são os conceitos e definições do romance. Muitos são os gêneros de romance que têm surgido através dos tempos. E todos eles podem caber numa definição qualquer; o que não existe é uma definição única, absoluta, em que se enquadrem todos os romances.

Cada época tem o seu romance característico, que a representa e com ela passa.

Antigamente, o romance era, em resumo, a história de uma vida. Do nascimento à morte. Minuciava os fatos. Seguia a vida do personagem central, em todas as suas facetas. Os demais personagens eram satélites, não tinham importância. Giravam em torno da órbita do personagem principal. Não contavam. Ou então, resumiam-se a uma história toda em duas linhas. Mas sempre era preciso dar uma explicação quando sumiam do romance.

E o romance desenrolava-se por intermináveis páginas, com descrições e divagações que caceteavam o leitor. Sentia-se que aquilo não tinha vida, que eram simples palavras alinhavadas, arrumadinhos direitinho.

A não ser um ou outro romance, todos passaram. Perderam-se na noite do tempo. Ninguém mais os lê. Somente estudiosos da literatura é que têm coragem para folhear tais calhamaços.

Sem profundidade psicológica; sem interesse humano; sem capacidade de análise suficiente para compreender o ambiente da época. Príncipe, meus olhos e apresentar má moção casadoura, unies e am... e disco, que existe a sur... romances... a tiracolo, ali na mano um come... se um marico" e estava.

algum idiota quando é mais elástico, desse? — essa do humano. O antigo à época... O romance hoje não

tem limites. Não precisa ter uma história fixa. Não é uma vida, mas a representação da vida. E da época, e dos costumes, e dos sentimentos da época. É a representação da vida no sentido lato da palavra. Não precisa ter personagens centrais, por que todos são centrais. Ou melhor, são meros acidentes no desenrolar da história, que surgem e desaparecem como acidentes que são.

Com o surgimento de novas correntes literárias — Proust, Joyce, Huxley, Gide, Sartre, etc. — os horizontes do romance se alargaram.

Já não é necessária uma história. Basta uma idéia. Já não são precisos personagens centrais, porque todos têm o mesmo valor e devem ser tratados com a mesma atenção.

Um livro, não é só uma parte do assunto que se apresenta, mas todo o assunto; não é só um personagem, mas todos os personagens, com igualdade. Somente assim — unindo, ordenando, analisando, aprofundando — é que se consegue o romance humano, real.

No entanto, ainda hoje, muitos persistem na antiga definição do romance. E procuram fazer romances à moda antiga. Falham, primeiro porque o mundo está em evolução constante e a arte o acompanha, e segundo porque cada época tem a sua arte própria que a reflete.

E existem também escritores que tentam ser modernos à moda antiga. Procuram vestir uma velha dos séculos passados com um mal do último tipo. Rádulo. Isto é, querem ver de um modo antigo com tortas as coisas. E acham não fazendo nada. Pode ser que no presente tenham algum sucesso. Mas só o tempo, impávido e inexorável, é que faz a seleção de valores. E o tempo é muito rigoroso.

## Trovas Do Meu Sertão

**José Tito Silva**

Página dedicada à gentil senhorita Maria José Corbetta.

Lá ao longo uma melodia sertaneja enche o ar de emoções suaves... Aproximo-me, atraído pela música que oferece verdadeiros momentos de alegria e de sentimentalidade melancólica, para o meu coração já embriagado pelos azares da sorte...

Aos poucos, lentamente, os acordes vão se tornando mais distantes, mais serenos, enquanto um cabocro apaixonado rompe em versos sentimentais o ar levemente excitado:

... havia no sertão de Vila Triste uma cabocra morena de quem mi apaixonei, prá quem meu coração bate a todo instante...

Pensando nela, naquela frô ingrata qui nunca mi quis, é qui fiz us versos qui vô cantá...

Cabocra, doce morena,  
Di óios negros feiticêro,  
Cum vanmecê vale a pena  
Eu sonhá o dia intêro...

Em sua peneira só passam os valores reais. Ele não perdoa os mediocres.

\*  
\* \*

Ao se iniciar a leitura do livro da Senhora Ondina Ferreira, "Inquietação", a primeira impressão que temos é a de um livro arrumadinho, direitinho, feito sob medida para uma aula de literatura passada, com um professor bem carrancudo. É uma composição escolar, muito bem feita e caprichada. Tem de longe em longe uns versos de velha metada a moça. Mas não ilude. E tentar uma análise e o livro desmorona.

(Conclue na 3ª página)

Formosa como Vancê,  
Minha cabocra mimosa,  
Só formosa como as rosas  
Qui o bom Sinhô faz nascê...

Pruquê será qui teus óios,  
Quando mi fitam parado,  
Negrinhos e arredondado,  
Fazem minha alma tremê?...

Cabocra és tudo prá mim,  
É meu céu, meu pensamento,  
Meu sonho qui num tem fim,  
Cum os meus tristes lamento...

Si o vento qui vem do mato,  
A hora do sór nascê,  
É di sodade i suspiro,  
Traiz sodade di vancê

Sodade, triste sodade,  
Morena, doce cabocra,  
Quem vive na soledade  
Sente sodade de ti.

Dêsses teus óios formosos  
Qui é a vida do meu ser,  
Dos teus cabelos sedosos,  
Sodade mi faz sofrê...

Quando ti vejo, frô bela,  
Nu meu sertão sempre em frô,  
É cumo si visse a istrela  
Da isperança é do amô...

Pruquê será qui teus óios,  
Quando mi fitam parado,  
Negrinhos e arredondado,  
Fazem minha arma tremê?...

Pruquê será qui Deus bão  
num mi manda o coração  
I tua santa bondade  
Prá abafá minha amargura  
I a sodade di vancê?...

Pruquê será, mais prquê?  
Si o vento qui vem do mato,  
A hora do sór nascê,  
É di sodade i suspiro,  
Traiz sodade di vancê...

## SINAL DOS TEMPOS

O tempo corre. Vai rápido, vagaroso... Como a gente quer. Não para nunca. Dizem os entendidos que ele marcha para o indefinido. Não discordamos. Mas, muitas vezes, nos vem à lembrança o conceito daquele poeta que afirmava: "O tempo não passa, nós é que passamos". Também não discordamos dele. Para nós, tanto faz o tempo passar como a gente passar. Tudo é a mesma coisa. Isso são ninharias. Não nos interessa meter o "bedeio" na vida do tempo. O que nos serve é ouvir os fatos que ele nos narra. Ouvir as coisas belas que ele nos descobre sempre e as feias que ele não nos encontra nunca... Isto sim!... O resto é conversa.

Falei no "tempo", hoje, porque, embora passando ou não passando, o fato é que ele é um amigo meu. Tem conversado muito comigo. Ainda ontem ele falou sobre literatura. É um camarada muito sabido, este "tempo". Sabe de tudo. De tudo ele entende. De tudo ele ensina. Eu tenho aprendido bastante com ele. Fato consolador: o "tempo" não é pedante. Ele fala por falar. Por detrás da sua conversa não se percebe um pingo de convencimento, um pingo de autoridade, de representação gratuita ou de premeditação... O "tempo" não é desses que preparam "fraseologias pomposas" para lançar de chofre em meio de um auditório desprevenido que o não conhece, ou no meio de pessoas menos cuitas que ele. Não, o "tempo" não vai com esse negócio de passar por sábio, por genio ou por um sujeito do outro mundo: Ele não suporta o pedantismo.

Uma das coisas que o "tempo" me ensinou e que melhor caiu em mim foi a literatura. Falou-me da literatura portuguesa, da sua arte clássica, das suas influências: a italiana, a espanhola, (gongorismo), a francesa (a Arcádia). Falou da literatura de outros povos

também: da francesa, da inglesa, da alemã, italiana, espanhola, etc.

Fiquei sabendo que a arte clássica surgiu do movimento da Renascença. A princípio, sofreu a influência dos gregos da antiga Grécia e dos romanos da antiga Roma. Esquilo exerceu alguma influência. Horácio e outros, também.

O classicismo, o nobre rebento do Renascimento, foi um jovem do temperamento intransigente, meticuloso, puritano ao extremo. Teve boa saúde até os meados do Século XVIII. De então para cá, começou a sofrer de reumatismo, de enxaqueca... Doenças de velho. Apareceu então o romantismo. Era um tipo moço ainda. Muito entusiasmado. Era um camarada brigão, fogoso. Um tipo liberal, meio expansivo, meio espontâneo... Ele provocou a revolução no reino da arte. Combateu o classicismo. Bombardeou suas regrinhas de estilo, seus preconceitos, sua intransigência. Os clássicos, os conservadores da época, deploraram-no muito. Havia frequentes conflitos. Eram lutas entre clássicos e românticos. Na França, houve a célebre "Batalha de Ernani". Era uma peça de Vitor Hugo que se levava no Teatro Francês. Os conservadores, os reacionários cabeças-duras daquela época, se revoltaram. Os românticos, toparam a parada. Resultado a célebre "Batalha de Ernani". E assim a reação continuou durante algum tempo. O romantismo acabou vencendo. Ele nasceu na Alemanha, nos fins do Século XVIII.

Dêsse modo, a arte deu mais um passo. O romantismo, na França, andou muito bem até a segunda metade do Século XIX. A esse tem-

## MIRAGENS

**ANTÔNIO PALADINO**

po, então, já estava de cabelos brancos. Um tanto alquebrado. Cansado. Enfraquecido. De repente, bumba! Nova revolução na "Arte". Era a vez do realismo. Com ele vieram as suas manias, as suas doenças psíquicas, os seus desejos nescaldados. Ele gostava de descobrir as "verdades torpes" da alma humana. Um exímio analista... Houve novas lutas. Novas reações. Os conservadores cabeças-duas apareceram novamente. Coitados! Foram vendidos outra vez. No "país" poesia, o revolucionário contra o romantismo foi o parnasianismo. Venceu também. O parnasianismo diferia um pouco do realismo. Tinha um temperamento mais austero. Era meio rispido, meio ranzinza: Um tipo mal encarado. Contra ele houve o simbolismo: Esse era mais liberal, melancólico, abstraído. Parecia possuir uma alma vaporosa, alva, esvoaçante. Um bom rapaz, o simbolismo! Pena é que morreu muito cedo...

Hoje, no Brasil, usando a corôa dos monarcas do passado, nós temos o modernismo. Ele proveu não se sabe donde. Alguém disse que foi da Itália, eu não creio... No Brasil ele só se fixou depois de 1922. Chegou com a célebre "Semana da Arte Moderna". Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, etc., foram eles que trouxeram o modernismo para o Brasil. A eles juntou-se, também, na célebre "Semana da Arte Moderna", o velho maranhense Graça Aranha. Hoje o modernismo está vitorioso no Brasil. Ele tem um caráter sincero, jovial. É um camarada saudável. Goza uma saúde de ferro. Gosta mais de alimentos

espirituais. Irradia uma agradável sensação, de "sabor" subjetivista. Venete uma beleza mais chegada a nós, uma beleza mais humana, mais franca; uma beleza penetrante. O modernismo nas cidades mais importantes do Brasil já significa atualismo e, convenhamos, com imparcialidade, o modernismo também vai passar. Dia chegará em que ele se tomará conservador. Não será mais revolucionário. Assim é a vida no reino da Arte. Assim é a evolução. Não se pode lutar contra ela.

Atualmente cogita-se de duas novas correntes literárias: são o invenionismo e o existencialismo. Muitas outras correntes que apareceram não pegaram. Quanto ao existencialismo e o invenionismo, esperemos. São muito novos ainda. Deixemos que o futuro se ocupe deles.

Ai está, pois, senhores leitores, um leve esboço sobre a evolução literária até hoje. O tempo foi quem o dissipou. Ele é quem tem falado de todas essas coisas. Ele viveu todas elas. A todas ele conheceu. Por cima de todas ele passou. Chegou até nós. Nega-se a falar do que vem. Faz isso por praxe. Sua profissão não o permite profanar os segredos que ainda não conhecemos. Mas ele mais tarde falará, e nos decifrárá então, todos esses mal-entendidos do presente. Apontará toda a sua grandeza, todos os seus cabotinismos. E aos conservadores reacionários de hoje, — isto o tempo garantiu — ele desprezará. Desprezará-os como ineptos, insensatos, como entravadores do progresso. Desprezará-os como o "benigno" despreza o "inconveniente". Assim é o tempo: Um camarada que sabe julgar. Que a sorte o conserve sempre assim... Sempre, sempre... E por hoje é só, meus senhores. Até o próximo mês.

NOTA DO AUTOR: O autor não se responsabiliza pelos conceitos emitidos pelo tempo.

# Poesia Rimada e Poesia Moderna

Por O. Ronila.

A arte é a forma exemplificada da beleza. Uma e outra se coadunam, se unificam, para formar um todo admirável. Não se concebe a arte sem beleza; como não é concebível o homem sem o cérebro e a terra sem a vida. Sendo a poesia uma das formas de Arte, forçosamente tem de haver, em seu conteúdo, o lirismo estonteante da beleza.

Consagrados vates da antiguidade, tais Dante, Virgílio, Homero, depois Hugo, Camões, Goethe e outros mais, cultivaram-na e aperfeiçoaram-na através dos séculos, sempre admirada pelos amantes da rima, como, aliás, aconteceu com as demais formas de Arte (Escultura com Miguel Ângelo, Pintura com Rafael, etc.).

Acontece, porém que o século vinte surgiu e, com ele, a aversão, por parte dos intelectuais, seus contemporâneos, à toda a forma artística, oriunda do Movimento Renascentista. Assim nasceu a chamada "Arte Moderna", que de Arte só tem o nome e a propaganda. Assim nasceu a Pintura revolucionária de Picasso, Portinari, Cézanne e tantos mais, um amontoado de deformações da natureza, pessoas semelhando monstros, riscos traçados estupidamente ao acaso, errando assimetricamente pela superfície lisa da tela, grotescas formas inqualificáveis, destituída de todo o senso estético, a que deram o nome de "Pintura Modernista".

De idêntica origem brotou a Poesia Modernista, liberta da rima e da métrica, que lhe dão um sentido mais poético, mais belo e mais admirável, desprovida de toda e qualquer estética, em desacordo completo com a original forma de Poesia, que teve em Camões, Musset, Sprosenda, Goethe, Byron, etc., seus destacados representantes, através muitas gerações.

Esses novos poetas, incapazes talvez, daqueles rasgos de imaginações dos predecessores, criaram seu estilo, desvirtuando, como os novos pintores, o valor, a beleza, o sentimento da outra, da verdadeira Poesia, sem contudo, fazerem coisa alguma que os situem à altura dos seus rivais. Abandonaram a rima, a métrificação, o ritmo, a beleza do verso, construindo frases desprovidas de senso poético, sem nenhuma vibração e "resolveram" dar combate à Poesia do passado, tentando em vão incutir nos cérebros mais leigos, a desconexibilidade de sua nova forma de Poesia.

É o que se lê no artigo de "Aulicus", inserido no número anterior desse periódico. No item IX diz o citado articulista, entre outras cousas, que Casimiro de Abreu, Varela e Álvares de Azevedo morreram jovens, intoxicados de bebedeiras, orgias e pessimismos, amando a morte como a mais bela das amantes", a exemplo de Lord Byron, iniciador de tal gênero poético. Não me consta, porém, que Casimiro, tão pacato, quasi moralista até, tivesse morrido vítima de "orgias e bebedeiras", o mesmo acontecendo com Álvares de Azevedo, esse vulgar poeta, que teve a infelicidade de morrer quando desabrochava da adolescência.

No autor de "Cântico do Calvário", infelizmente, tem-se que apontar o vício que o prostrou; por-m, haverá, atualmente poeta que iguale seu estro ao do eloquentíssimo paulista? É bem verdade que foi um borracho viciado, mas não vivia alcoolizado por ser poeta, e sim, por ser homem. Não acredito que a Poesia influenciado sua vida desregrada. Por isso contesto a inverosimilhança de certas afirmativas do nobre articulista.

Byron, o "gênio mau" citado por Aulicus, foi um dos mais geniais cultores da rima. Não foi a sua poesia que o impeliu para a vida romântica e aventureira que desfrutou, mas sim, segundo se

historiadores, seu porte varonil e seu temperamento refinado; portanto, se morreu jovem o famoso cantor de "Child Harold", não culpem a sua poesia, mas sua vida pródiga em prazeres.

O citado articulista ataca ainda o valor do Parnasianismo, que deu a Bilac o lugar destacado que desfruta no selo da nossa literatura. Se o "Cantor das Estrelas" lêsse o que escreveu Aulicus, certamente acharia absurdo o despeito modernista. Pois não dizem eles possuir uma poesia superior? Que fiquem com ela, mas deixem o povo ler maravilhado Hugo, Castro Alves, Goethe, Bilac, Byron, Camões, Casimiro, Musset, esses bardos geniais que legaram à posteridade suas obras imperecíveis. Não tentem insuflar no cérebro dos leitores, sua Poesia liberta da rima, da métrica e da forma poética que a caracteriza.

Felizmente, ainda, existem os cultores das "belas formas" para eclipsar os rebuscadores das "feias formas", desprovidas de ritmo e de Poesia; ainda existem os admiradores do "Cantor dos Escravos" e de Pagundes Varela, para renegar as frases "escorreltas" dos modernistas.

Pois, se a Poesia é Arte, vamos admirá-la como Arte, e em Arte só e admirável o Belo, o Harmônico, e se os modernistas são incapazes de burilarem a Beleza, não desvirtuem, porém, o valor perentório e inescismável dos cultores da rima!

## "INQUIETAÇÃO" — UM LIVRO ARRUMADINHO

(Conclusão)

Quando a romanceira... Pouca coisa tem de romance moderno. Sim, porque hoje não basta uma história. É preciso ter largueza de idéias. É preciso que ela reflita o momento presente. Ou então, não é preciso história, no sentido clássico da palavra.

Basta que tenha uma idéia, a visão do mundo pelos olhos e pela maneira de ser do artista.

É isto o que falta ao "romance" da Senhora Ondina Ferreira. Analizando-o, vê-se logo a falta de profundidade psicológica, a indecisão no caracterizar os tipos, o desenvolvimento fraco do assunto. Não representa um dado momento da vida. Tenta abarcar um mundo de idéias, e só abarca o vácuo. Bem feiinho, bem arrumadinho, verdadeiro romance feito sob encomenda.

Não basta escrever corretamente. É preciso saber escrever. Senão fica um amontoado de palavras corretas... e só.

Sente-se que falta à autora de "Inquietação" o poder de dar vida aos personagens da história. Eles não vivem, não participam da história de que são protagonistas. A autora é quem conta os fatos. E num romance não deve ser assim. Num romance, a autora apresenta os fatos. Os personagens devem vivê-los, conversar com o leitor, emocioná-lo, e irritá-lo, fazê-lo participar da história, vivê-la também, integrá-la nela.

Dos personagens da Senhora Ondina Ferreira, nenhum tem firmeza ou é talhado humanamente. Todos permanecem longe do leitor. É como num sonho, tudo em densas brumas. Quando se tenta fazê-lo mais claro, quando o procuramos captar, foge. Ao nos parecer que os temos à mão, eles se esvaem e ficamos na mesma dúvida.

Miriam, a principal figura, mufaisos, mais irreal do livro. Não a alcançamos. Raul, de quem a autora nos faz esperar tanto, quando afinal surge, é uma decepção. É quiçá um dos tipos mais falsos, mais irreal de livre. Não vive, não se grava na mente do leitor, não o interessa, por mais que este o queira e a autora o tente. É um fantoche, sem personalidade própria. Um esboço de homem. Os outros, — Tia Mocinha,

# CRUZES BRANCAS

Nota fornecida pela Livraria Rosa

"Cruzes Brancas", de Joaquim Xavier da Silveira, agora lançado pela Livraria José Olímpio Editora, é o diário de um praçinha que lutou heroicamente nos campos da Itália, pertencendo, portanto a essa categoria de obras determinadas pela necessidade imperiosa de reviver uma experiência demasiadamente forte e rude. Não preferiu porém, o autor, a transposição romanesca, como se deu com Remarque, Roland Dorgelès e tantos outros famosos escritores da guerra — limitou-se a reportar singelamente o que viu, em forma de documentário, num estilo embora sem pretensões literárias, elegante agradável, e com extraordinária densidade de observação. Deu-nos aí, não só a sua história, como a história dos seus companheiros, "Homens que passaram toda uma guer-

ra andando por estradas poeirentas ou caminhos nevados, e viveram em buracos como toupeiras". Sincero, às vezes, mesmo rudemente sincero, o autor não procura contornar os fatos: narrá-los, com toda a verdade, tal como eles o impressionaram. Expressões semelhantes às dos Dorgelès e Barbusse lhe escapam, de quando em quando, nas descrições dessas jornadas trágicas. Em eloquente prefácio, o historiador Pedro Calmon define o livro, como a "visão fotográfica da luta na Itália por um soldado da FEB".

NOTA DA REDAÇÃO: Um exemplar deste livro foi ofertado pela Livraria Rosa, sita à rua Deodoro n. 33, ao sr. Salim Miguel, vencedor do primeiro Concurso "Livraria Rosa".

## Dois Prêmios Literários

ODY F. e S. (do Círculo de Arte Moderna)

Santa Catarina, nos últimos tempos, tem sido uma borra-botas da literatura. Temos produzido as mais relevantes mediocridades ultimamente aparecidas. Este fenômeno é plenamente explicável. É a influência decisiva do meio em que estamos vivendo. O indivíduo que inicia um estudo de arte, literatura, ciências etc., pensa, examina e conclui, torna-se, em pouco tempo, um homem sem paisagem, ou um cretino, como certo Quixote da filosofia, que, devido a grandeza de amor humano, ainda anda solto, mas isto não tem importância, ele não morde. No teatro temos a calamidade de um "Valtrudes, o nauta veneziano" e "A virgem dos lábios de mel", peças dignas destes parquezinhos, que, de vez em quando, aparecem nesta ilha de encantos. Depois temos uma imitação, que não vale nem como imitação, da pior espécie de Vargas Vila. Este sócio do autor de "IBIS" nos espanta, com as suas "Fronteiras da miséria", que põe a nu a miséria da nossa literatura. Mas, para felicidade nossa "Nem tudo está perdido", salve-se o papel. Há, porém, uma nova geração,

### GRÊMIO LIRA

Acaba de ser constituída a seguinte diretoria provisória do Grêmio Lira:

Presidentes de Honra: Dr. Osvaldo Bulcão Viana e sra. Aracy Rupp Bulcão Viana.

Sócio de Honra: Murilo Pinto da Luz.

Presidentes: David Andrade e Herculina Luz.

1.ºs. Vice-Presidentes: Paulo Lange e Antonieta Medeiros.

2.ºs. Vice-Presidentes: Anibal Nunes Pires e Ione Melim.

1.ºs. Secretários: Rodolfo P. Pinto da Luz e Eugênia T. Oliveira.

2.ºs. Secretários: Hélio S. Oliveira e Nadir Carioni.

Tesoureiros: Newton Mafrá e Otília Moritz.

Orador: Antônio Carlos Konder Reis.

Comissão de Propaganda: Hélio Milton Pereira, Murilo Pinto da Luz, Nelson Nunes, Neusa de Lins Neves, Hend Miguel e Iolanda Almeida.

Ruth, Ruy, — todos os demais são assim. Não nos prendem, não nos atraem, não nos causam repulsa — são-nos indiferentes. A situação deles não nos causa o menor abalo.

Se existem personagens mais ou menos talhados, são: Daniel, tipo complexo e estranho, e Dona Beatriz, rígida e cheia de manias, de desejos recalçados, de sonhos de grandeza. Quería fazer das filhas seres diferentes, não sabia ela se mais humanos ou não.

É o livro que já se iniciava mal, desceamba no fim para o pieguismo, o sentimentalismo...

Não que seja tão ruim quanto os da Senhora Leandro Dupré. Isto não! É bem melhor. Tem alguns — raros — pontos positivos. Mas daí a ser um livro regular, vai uma grande distância. É quanto a se capaz de tirar — como tirou, o prêmio Alcântara Machado, da Academia Paulista de Letras, em 1945, vai um grande, um enorme, um intransponível passo.

não quer dizer que os sitados sejam velhos, não, mas estão acorrentados à princípios caducos, e não têm capacidade para libertarem-se e pensarem fora deles. Esta nova geração entra forte, com a força da inteligência. Pensa, estuda e toma novos rumos. Desta nova onda, que é bem pequena, dois foram, recentemente, premiados pela Revista da Semana. Anibal Nunes Pires com "Cafezinho de visita", e Antônio Paladino com "A morte do vovô". O primeiro é um conto de costumes, esculpido com inteligência, dentro de uma técnica, (ainda que esteja vacilante, isto explica-se pelo fato de ser, ainda, embrionária) moderna, suave e fundamentada. O segundo é subjetivo, tratando, também, um tema de costumes. É plasmado com ironia, dentro de uma técnica introspectiva, ainda indeterminada, traz a liberdade de ação e expressão do conto seguinte, apenas uma amostra, a imitação da qual não, esperem um pouco e verão o que esta gente irá fazer.

Nota da redação: — Antônio Paladino já é conhecido dos leitores da Folha como seu diretor e como autor das admiráveis "Miragens". Anibal Nunes Pires é autor de muitas poesias modernas e diretor da página de Arte Moderna. Ambos fazem parte, também, do Círculo de Arte Moderna.

### UM DOCE PARA QUEM ADVINHAR...

A. Paladino

Eis o nosso amigo de hoje: As iniciais de seu nome são A. S. É um moço de verve. Um piadista de mão cheia! As suas piadas, "do outro mundo", são tão engraçadinhas, tão engraçadinhas... Tem alguma coisa de comum com as galinhas d'Angola. Estão sempre gritando: "Tô fraca, tô fraca, tô fraca, tô fra...". Um obra prima de humorismo.

E as suas crônicas cinematográficas, então? Ah! São admiráveis. Sobem até as grimpas do subúrbio. O nosso amigo tem um coração de anjo. Só sabe dizer coisas agradáveis. Sirvam de exemplo os filmes que ele "critica". São verdadeiras maravilhas. Fato digno de notar: Os seus olhos são de uma constituição "sui generis". Nunca distinguem as más qualidades de uma coisa. Só percebem as boas. Sujeito de sorte, o nosso amigo: Ter uma vista assim...

As mulheres para ele, sejam bonitas ou feias, tudo é a mesma coisa. Todas se parecem com a Ingrid Bergman ou com a Hedy Lamarr. Por isso, ele as louva tanto!... (O "Carnet Chic" que o diga...)

Este é o nosso amigo de hoje, leitores. Um moço de "cutuba". De "cutuba" mesmo. Um grande amigo da lei dos "mamateiros". Da lei divina dos que não gostam de fazer muita força. Aqui ficam, pois, os meus panegíricos a este distinto amigo.

Quem é ele, caríssimos leitores? Quem é? Respondam-me, que seja, vez em vista da pergunta ser mais difícil — eu darei dois doces para quem adivinhar...

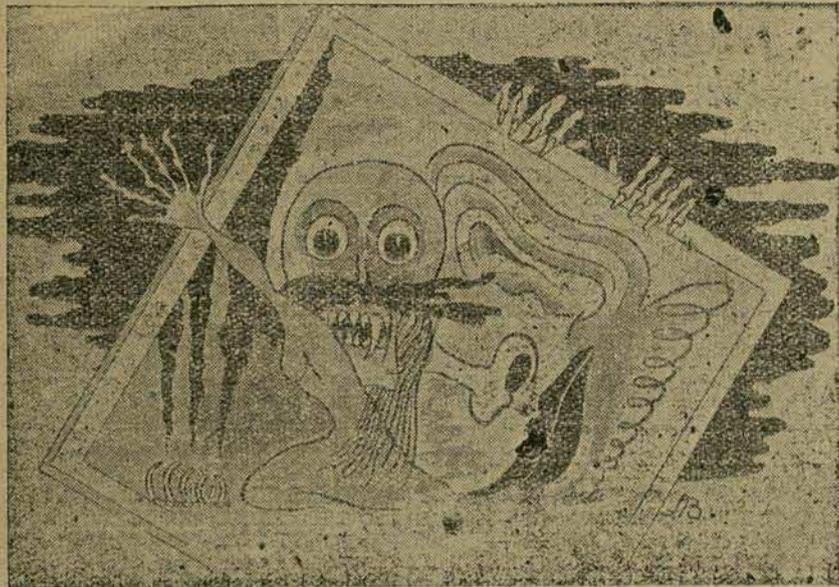
# PÁGINA DE ARTE MODERNA

Direção de - ANIBAL NUNES PIRES

## UM QUADRO

por Anibal Nunes Pires

Ilustração de Luiz H. Batista



Membros que se agitam  
Músculos e nervos  
Sobressaindo-se  
Em desproporções  
Proporcionadas

Olhos esbugalhados,  
Assimétricamente,  
Separados  
Engorjando

A vida...

Orelhas  
Crescendo, crescendo,  
No progresso constante  
De uma elefantíase  
Impertinente.

Nariz...  
Que dizer do nariz?  
Arregaçadas narinas  
Cheirando a podridão,  
Nos bastidores  
Das caras dos homens...

A boca...  
Existem só lábios  
E rígida linha  
Corre de canto a canto,  
Paralizando  
A língua  
Pervertida.

Pele?  
Para que a pele?  
Não existe...  
Bastam os músculos,  
Bastam os nervos,  
Levantando tudo,  
Sentindo tudo!

Plantados na cabeça  
Desconforme,  
Os olhos, as orelhas,  
O nariz, a boca,  
Os nervos, os músculos,  
Em proporções  
Desproporcionadas,  
querem  
O TUDO!

TUDO!  
Mas tudo pelos olhos,  
Pela boca tudo,  
Tudo pelo nariz,  
Pelos músculos,  
Pelos nervos, TUDO!  
Tudo pelos ouvidos!  
TUDO,  
Em verdade,  
Pelos sentidos!  
Eis um quadro!  
"Mocidade Indiferente".

## POR QUE?

Armando S. Carreirão

Por que odeias o Modernismo?  
Por que?  
Por que é amigo dos Sofrimentos?  
Amigo dos Sentimentos?  
Da Liberdade?  
Por que?  
Por que é inimigo da Fantasia?  
Da irrealidade?  
Por que?  
Por que é amigo da Verdade?  
Amigo da Lealdade?  
Da Evolução?  
Por que? Por que? Por que?  
Por que odeias, então?

## A GAIOLA DE OURO OU A AMPLIDÃO AZUL

Anibal Nunes Pires

"A Arte não para. Ela acompanha o homem, em toda a sua trajetória, em todos os seus momentos, bons ou maus", disse o nosso colaborador, Sr. Salim Miguel. Tem razão e eu acrescento: A Arte acompanha o tempo. Está nele, vive dele e para ele. É impossível e feia uma Arte passadista, nos tempos atuais, com é feio e degradante pensarmos com as "cabeças" dos outros. Por que fulano disse isso e sicrano aquilo, por que lilac cantou as estrelas e o "mundo da lua", por que tal pintor pintou um quadro muito muito parecido com o modelo (diga-se de passagem, para essa arte passadista, que nos dá apenas a "fachada", temos a técnica fotográfica), por que tal escultor modelou assim, todos os escultores, todos os pintores, todos os poetas modernos devem segui-los; é mesmo que dizer eles são o "disco" nós o "auto-falante", eles são os "sultões" e nós, os "eunucos" porque não podemos criar. O Modernismo (na poesia) de que falamos não é o mesmo que o dos compêndios de Literatura, feito sob a medida de um Marinetti ou outro qualquer, falamos sim, do Modernismo, no sentido atual. ATUALISMO é o que é o nosso modernismo. É uma arte sempre nova, sempre jovem, sempre expressiva, sempre na vanguarda e sempre do momento. A Arte Moderna de que falamos é o PRESENTE, o presente livre, o presente criador, o presente verdadeiro, real e sublime.

Florianópolis, (é desagradável, porém não é pecado que se diga), nunca pode viver o presente, porque desde há muito vem vivendo do passado, do passado e de coisas sempre "JÁ VELHAS"; tudo aqui chega com atraso e no que diz respeito à Arte (nem convém mencionar) anda por três ou quatro lustros na "trazeira".

O complexo de inferioridade é tão grande (nascido já da antiga DESTERRO) que nos deixamos cair no indiferentismo, depois de termos feito escala pela displacência, pela resignação e "pelo deixa estar assim, para ver como é que fica". Tanto é assim que Florianópolis, durante um certo tempo, era

conhecida como a cidade do "JÁ HOUVE" e esse "já houve" é tão remoto, tão remoto... Infelizmente alguns dos nossos moços querem viver desse "já houve", sem mesmo ter notícia de que esse "já houve" era constituído".

É a mocidade conformista e... as idéias de uma mocidade conformada, perdoem-me a expressão, fedem à "NAFTALINA". Ela deve deixar esta indumentária: Casaca e cartola, punhos e colarinhos enfiados, palhetinhas e calças listadas. Deixe-as para o museu do passado ou então exponha-nas ao sol, à luz para depois transformá-las.

É mesmo se assim fizer, já vai tarde! Hoje, compreende-se mais "idéias cabeludas" dentro da cabeça do que "cabeleira basta" sobre ela.

A Arte é para o mundo, por isso deve ser livre; a Arte é para os povos, por isso deve ser simples; a simplicidade leva à perfeição e por isso ela é também sublime.

Os poetas passadistas trancafiaram as aves raras do pensamento em gaiolas de ouro para ornamentar os salões reais, os aposentos das princesas os palácios dos literatos, porém as aves raras dos modernistas, vamos dizer atualistas, vivem simples e livres no espaço azul, ao alcance da humanidade. Ela é mais humana porque é para os homens que vivem a época; não é feita para os mortos, nem tão pouco para os que não de vir, pois eles também terão o seu atualismo.

A mocidade talvez não compreende, porque, em FLORIANÓPOLIS, ela vive "anacronicamente", posto que tudo "chega sempre tarde". Caso que ainda mais se lastima é ver que muitos de nossos jovens sonetistas aprisionam suas aves raras em "GAIOLAS DE TAQUARA".

Ao criar a página "Arte Moderna", a "Folha da Juventude" só teve um fim: SINCRONIZAR, em Florianópolis, A ARTE COM O TEMPO.

Façam os moços a sua escolha: A GAIOLA DE OURO OU A AMPLIDÃO AZUL.

## UM DIA...

Salim Miguel

Um dia, os homens se ergueram juntos,  
Para lutar  
Contra a guerra, o mal, o ódio...  
E queriam a injustiça  
Desbaratar.

E os povos se reuniram, em comunhão,  
Fraternalmente,  
Fizeram planos e mais planos  
E foram de ilusão em ilusão.

Seria um mundo belo, bom, feliz,  
E perfeito,  
Sem vãos desejos, sem lágrimas, sem dor  
E sem defeito.

Em par andaria a harmonia  
Com a alegria,  
O preto e o branco em igualdade,  
Sem falsa humildade  
O ateu é o não ateu, de braço dado,  
O pobre ao rico equiparado.

As coisas assim correram até que um dia!  
Esses mesmos homens se dividiram,  
Para lutar  
Contra a guerra, o mal, o ódio...  
— E pois queremos! — clamavam  
A injustiça desbaratar

# Associação dos Ex-Combatentes do Brasil

## Secção de Santa Catarina

Iniciando, a partir do presente número, a publicação de um artigo sobre as atividades da FEB na Itália e da Associação no Estado, quero expressar aqui os meus agradecimentos, em nome dos ex-combatentes, ao Sr. Antônio Paladino, digno diretor da "Folha da Juventude". Cumpre-me, pois, primeiramente, trazer ao conhecimento dos leitores deste jornal o motivo que nos levou a organizar a nossa entidade e quais os fins que visamos em nossos trabalhos. Após o término da sangrenta luta na qual participaram inúmeros países, entre esses o Brasil, cujos elementos representantes souberam elevar o nome da nossa Pátria por meio de suas bravuras, conquistando verdadeiras passagens gloriosas dignas de figurar na história nacional contemporânea, surgiram diversos problemas a resolver sobre a situação dos ex-combatentes na sua readaptação à vida civil. Para ajudar a resolver esses problemas foi que surgiu a Associação dos Ex-Combatentes do Brasil, presente, contando com vinte e sete seções, controladas por um Conselho Nacional e regidas por um estatuto único, registrado sob o n. 133, do livro "C" número 1 no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas, à Av. Franklin Delano Roosevelt, 126, 2º andar, sala 205 na Capital da República, onde se acha sediada o Conselho.

Sendo as nossas finalidades, de acordo com os nossos Estatutos, entre outras, as seguintes:

- Manter e estreitar entre os Ex-combatentes, os laços de fraternidade, camaradagem e união, nascidos durante a 2ª. Guerra Mundial;
- Defender e reivindicar direitos e interesses dos Ex-combatentes, inclusive, pugnando pela concretização de toda a Legislação que vise o benefício dos Ex-combatentes e de suas famílias;
- Oferecer, na medida do possível, assistência médica, hospitalar, dentária, jurídica, cultural, financeira, desportiva, etc., aos Ex-combatentes e suas famílias, bem como aos herdeiros legais dos companheiros mortos na guerra e na paz;
- Criar, em "Edifício Monumento", a "Casa dos Ex-combatentes", no distrito Federal, e em outras cidades, quando a sua situação financeira o permitir;
- Criar órgãos de publicidade;
- Manter vivo — EMBORA RIGOROSAMENTE A MARGEM DA POLÍTICA — PARTIDARIA — por meio de artigos, conferências e palestras, o VERDADEIRO ESPÍRITO DEMOCRÁTICO, pelo qual, lutaram os Ex-combatentes, em nome do Brasil;
- Melhorar e desenvolver a educação dos Ex-combatentes e despertar neles a consciência das suas responsabilidades individual e pública, na defesa intransigente dos princípios democráticos e dos direitos do homem;
- Manter o combate e a vigilância contra a rearticulação do

fascismo, sob qualquer forma que se manifeste, de acordo com o disposto na Conferência de Teerã São Francisco, Potsdam e na Ata de Chapultepec;

i) — Trabalhar, obedecendo aos princípios firmados nas Conferências referidas, bem como, ao disposto no artigo 4º da CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, pela efetivação da paz e contra a guerra de agressão e de conquista;

j) — Pugnar, junto às autoridades pela readaptação dos Ex-combatentes;

k) — Comemorar as datas históricas dos feitos da Força Brasileira na 2ª Guerra Mundial, cultuando a memória dos que nela tombaram, bem como, associar-se às comemorações das grandes datas nacionais;

l) — Manter o mais estreito intercâmbio com as organizações congêneres de outros países;

m) — Reunir, bienalmente, em Convenção-Nacional, todos os Ex-combatentes, para fins de confraternização e discussão dos assuntos de fundamental interesse para as associações.

Eis, pois, as finalidades que pesam com suas grandes responsabilidades, sobre os membros da diretoria desta Associação, sendo que para o bom cumprimento de suas funções, contam com o auxílio, presentemente, de um limitado número de associados, que, compreendendo as suas finalidades, contribuem para minar o sofrimento de alguns Ex-combatentes que se encontram em uma situação bem precária.

Encaminhamos a digna Assembléa Constituinte Estadual e ao Exmo. Sr. Dr. Aderbal Ramos da Silva, DD. Governador do Estado, um Memorial, no qual pleiteamos justas medidas para a readaptação e nivelamento de todos os Ex-combatentes.

Mantemos, de acordo com os nossos estatutos, diversas classes de sócios. Entre eles, acham-se os COOPERADORES, sendo que esperamos ver em breve, depois de bem compreendidas as nossas finalidades, os nomes dos leitores desta Folha.

Para justificar este apelo, usamos o seguinte lema: "A MELHOR HOMENAGEM AO COMATENTE MORTO, É DAR ASSISTENCIA AO SEU COMPANHEIRO VIVO".

Convido, por meio desta coluna, aos leitores que tiverem vontade de se inteirar da nossa função, a comparecerem às sextas-feiras na sede da Associação, à praça 15 de novembro n. 25, 2º andar, aos quais teremos o máximo prazer em mostrar-lhes os nossos arquivos que contém a situação angustiosa de diversos Ex-combatentes, exposta aos nossos olhos, por meio de cartas de próprio punho, ou então, a comparecer, no Hospital Nerêu Ramos, visitar um Ex-combatente que se encontra em estado de tuberculose, que lhes contará mais do que posso descrever.

Gratos pela sua obsequiosa atenção.

ADiretoria

— De... ze... no... ve...  
Agora, uma sensação estranha de quem está caindo, caindo... Bem assim como nesses pesadelos em que a gente vai pulando de montanha em montanha e vê, com os olhos apavorados, o chão se aproximando cada vez mais...  
— Vin... te...  
"Ouvir... Ouvir outra vez... Regência... Música... A Sinfônica... Rossini..."  
— Vin... te... e... dois...  
"O Barbeiro... Rossini... Ouvir... O Teatro..."  
— Vin... te... e... qua...  
"O Teatro... Gente assim... Os violinos... Entra o piano... Três

por quatro... Palmas... A minha casaca..."  
— Vin... te... e... cin... co..."  
"Regência... Música... Verdi... O primeiro violino..."  
— Vin... te... e...  
"Ficar bom... Ouvir... Tchajkowski também..."  
— Vin...  
"Tchajkowski... É!... Ouvir... Ouvir... Ouvir..."  
E continuava aquela descida louca pelo espaço afóra. "Ouvir... Ouvir... Assim como numa "montanha russa". "Ouvir... Ouvir... E ele vai caindo, caindo sempre... "Ouvir... ou... vir... até chegar ao nada..."

# O Declamador

Silveira Júnior

(Especial para "Folha da Juventude").

O seu nome viera precedido de grande propaganda. Ele teria declamado perante as mais cultas e exigentes platéias do país. Mas logo de início, decepcionou: Não era o tipo que se espera para essa profissão. Não tinha cabeleira cobrindo as orelhas, nem olhos fundos, nem jestos suspeitos... Parecia antes um atleta. Bem formado corpo, espadado, voz grossa...

E se preparou a noite de arte no Clube 15, hoje Democrata. A assistência não passaria de quarenta pessoas, a metade com entradas de favor. Um vento sul tremendo. Todo mundo desanimado, com frio.

O declamador, que não pudera, pela ausência de bastidores, entrar de surpresa, levanta-se da sua cadeira da platéia e se dirige ao palco improvisado. Aquilo já foi uma decepção. Fixa a pequena assistência e anuncia:

"As Máscaras — Menotti del Pichia"...

Para o público aquilo foi o mesmo que nada. Ninguém ligou, nem demonstrou essa ansiedade que precede os grandes espetáculos. Fez um jesto em pianíssimo, um trejeito de corpo e deu início ao belo poema:

"Foi assim: deslumbrava a fidalga  
[beleza  
da turba, nos salões da Senhora  
[Duquesa.  
Um cravo, em tom menor, numa  
[voz quasi humana,  
tecia o madrigal de uma antiga pa-  
[vana.  
Eu descera ao jardim.

Fez uma grande pausa, que a assistência supôs natural e reconheceu errado... perdeu-se, novamente, pouco depois. Não resistiu. Sobri o começo do verso seguinte. Antônio de Pádua Pereira, ao meu lado, fez a mesma coisa, pouco adiante. Mas o homem estava completamente desnordeado. Como se fora vítima de um súbito ataque de amnésia, não conseguia juntar coisa. Os versos saíam-lhe sem sequência, sem rima. Mas o público não é bom árbitro em matéria de poesia. Ia aceitando aquilo tudo como um mal necessário, como um mau poema.

Até que o artista cai pesadamente no palco... O povo teve um jesto de entusiasmo; estrugiram algumas palmas. Final aquilo era um recurso cênico chocante. Mas de muito efeito...

Acontece que o homem não dava mostras de querer se levantar. A assistência começa a se entreolhar assustada.

Ora eu sabia muito bem que aquilo não cabia na declamação, mas fiquei com vergonha de tomar a dianteira, ir socorrer o homem e ele se levantar com toda a naturalidade e continuar o espetáculo...

Mas alguém desconfiou. Afinal o declamador jazia estirado sem mover um músculo.

Foi então que um camarada lá da última fila se levanta, dirige-se ao palco, aí já seguido pela turma do "deixa disso" e sacode violentamente o artista que não dá sinais de vida. Mas o coração estava pulsando... Aplicaram uma injeção de coramina, levaram-no para o hospital e... terminou o espetáculo.

\*\*\*

Segundo pude saber no outro dia, o homem fora vítima de um traumatismo moral. Mal de vida, sem dinheiro para o hotel, ao invés de se lembrar dos versos, o que ele estava fazendo, na verdade, era somar as suas dívidas, multiplicar as cabeças da assistência por cinco e diminuir as entradas de favor... E quando viu que o saldo devedor era muito grande caiu de chlique.

Posso garantir que safadeza não foi. Vi-o, depois de restabelecido, declamar "As Máscaras". E sei que o homem conhecia o poema a fundo e sabia recitar. Mas desta vez ele não foi trouxe. Passou as entradas com antecedência...

# A Economia Política Como Ciência e Como Arte

por A. A. M.

Há quem se oponha aceitar a Economia Política como uma ciência — "as ações humanas são livres, e, si permitido é ao homem decidir ou não o que pode e lhe convém fazer, não se pode constituir objeto de uma ciência, porquanto seus alicerces (da ciência) assentam-se em leis gerais".

Todavia, fala-se em "homem livre", atribuindo-lhe a faculdade de proceder segundo a sua razão, e, as leis da razão são comuns a todos os homens normais, portanto, suscetíveis de previsão.

Para elucidar a questão, pode-se recorrer a exemplificação seguinte: Suponha-se um industrial. Os resultados de sua empresa estarão na razão direta da aceitação e consumo da produção, próxima ou posteriormente, fatores estes que determinarão o bom êxito ou infalíveis consequências do seu erro. Ora, a Economia Política não pode de forma alguma prever si "este industrial" procederá desta ou daquela forma (considerando-se os homens livres, não se poderá determinar o uso da razão que este industrial praticará); porém, poderá prever as consequências que sucederão, si ele não observar e afastar-se da lei geral econômica (baseando-se que as leis da razão são comuns a todos os homens normais).

Portanto, de conformidade com o que acima fica exposto, é obvio e muitíssimo razoável admitir-se a Economia Política como uma ciência.

Em virtude da ligação com outras ciências, como a física, sociologia, direito, etc., deixa a Economia Política de constituir uma "ciência fundamental", para ser uma "ciência colateral".

Além do fato da questão acima focalizou constituir uma ciência, pode-se admitir ainda, também, como sendo uma "arte". Contudo, deve-se observar claramente as características de cada uma, não as confundindo, devendo-se distinguir uma cousa da outra.

A ciência é um sistema de verdades, propondo-se a um fim especulativo, isto é, expondo os fenômenos nos seus aspectos, nas suas relações gerais e nas suas causas, demonstrando o que é o objeto e o que ele é.

A arte - um conjunto de preceitos que tem um fim prático, dizendo como devem ser aplicadas as demonstrações daquela ciência.

A primeira, a ciência, indica, enquanto a segunda, a arte é operativa, executando praticamente aqueles princípios.

A ciência, baseando seus princípios nos efeitos e causas dos fenômenos econômicos, examina todas suas influências. A título de ilustração: "examinar as influências que podem causar o trabalho da mulher ou dos menores, no custo, no acabamento, etc. da produção, ou as leis da oferta e da procura, concerne ao domínio da "Ciência Econômica".

A arte cabe, pois, deliberar, si em tal ou qual circunstância é conveniente optar e aplicar esta ou aquela medida, com o fim de proporcionar um resultado almejado ou para evitar desastrosas consequências. Exemplificando: "conhecer e tomar as devidas decisões si em determinadas circunstâncias deve-se restringir ou desenvolver o trabalho da mulher ou dos menores, ou ainda, si deve haver maior ou menor produção para o equilíbrio da lei da oferta e da procura, coaduna-se perfeitamente na "Arte Econômica".

No Brasil, a realização da emancipação econômica aconselhava a manutenção da servilidade (escravidão negra), unicamente com a

finalidade de não perturbar a vida econômica que desfrutavam os grandes proprietários daquela época. Entretanto, não obstante aquele procedimento, a Ciência Econômica realmente ensinava, como ainda ensina, que o "livre trabalho" é muito mais produtivo e de melhores resultados do que o trabalho escravizado.

A libertação prática do trabalho (naturalmente, ao lado dos princípios morais), foi objeto da Arte Econômica.

Pela lógica dos fatos, é admissível aceitar a Economia Política como Ciência e como Arte.

## BILHETES PAULISTAS

### OS BANDEIRANTES

Renata Pallottini

Quando se fala em S. Paulo, fala-se logo nos bandeirantes, aqueles homens "corajosos, destemidos, heróicos, que desbravavam as matas para o progresso do nosso querido Brasil" (o que "eventualmente" caçavam alguns índiozinhos, e os traziam para a povoação a servir como escravos...)

E quando se fala em bandeirantes, fala-se logo em Fernão Dias Pais Leme, que viveu boa parte da vida atrás de esmeraldas e que afinal nos logrou com umas pedrinhas muito vulgares, ganhando de lambuja um poema de Bilac. (E pensar que um garimpeiro que descobre hoje em dia um belíssimo diamante não ganha nem um soneto! Injustiças, amigos, injustiças...)

Um dos episódios mais conhecidos da vida de Pais Leme é aquele em que o bandeirante leva de presente ao rei de Portugal, D. João qualquer coisa, um belíssimo cacho de bananas de ouro maciço, em tamanho natural. Foi um sucesso! O rei arregalou uns enormes olhos cubíquos, e resolveu conceder àquêle homem uma graça que não concedia a qualquer; mandou que Fernão Dias fizesse qualquer pedido, o qual seria atendido imediatamente.

A côrte vibrou; ei-rei estava realmente (sem trocadilho) magnânimo. E todos esperaram a voz de Fernão. Sabem o que respondeu o bandeirante? Só isto:

— Pedir eu? Pois si venho dar! Orgulho? Vaidade? Talvez. Mas aqui entre nós, não acham que foi uma grande falta de educação, leitores?

### 3º CONCURSO "LIVRARIA ROSA"

Com a presença dos membros da Direção desta Folha e outras pessoas interessadas, foi efetuada a apuração do 2º Concurso patrocinado pela conceituada "LIVRARIA ROSA", estabelecida à Rua Deodoro, n. 33, nesta Capital.

"Parada de Quinze Minutos", de autoria de Cláudio Bousfield Vieira, foi o trabalho que alcançou a liderança de votos e o brinde sorteado entre os leitores, coube ao sr. Zigomar Fernandes, funcionário do Buro Indústria e Comércio de Florianópolis.

Além do artigo premiado, outros trabalhos foram muito votados: "O Rio e a Humanidade", de Sílvio Eduardo P. Martins; "Levanta-te e Caminha", de Silveira Júnior; e "Miragens" de Antônio Paladino.

Em prosseguimento aos concursos, a LIVRARIA ROSA continúa a distribuir os dois livros mensais: Um para o autor do trabalho que alcançar maior número de votos, seja de que gênero for, outro para ser sorteado entre os leitores votantes no trabalho premiado.

#### BASES DO CONCURSO

- 1) Enviar o coupon abaixo até 15 dias depois da saída do jornal para a direção desta folha, à Rua Padre Miguelinho, n. 17.
- 2) Ao receber-se o coupon, será o mesmo registrado e numerado por ordem de recebimento.
- 3) A apuração será feita pela direção do jornal após a extinção do prazo estipulado, sendo permitida a entrada de qualquer pessoa interessada.

### 3º CONCURSO "LIVRARIA ROSA" NR.....

Título do trabalho .....

Nome ou pseudônimo do autor .....

Nome do leitor .....

Endereço .....

# A "FOLHA" NOS ESPORTES

Direção de A. S. Carreira

Quem assiste ao desenrolar dos encontros pebolísticos do campeonato cidadão, verifica os fracassos constantes de nossos juizes, que militam no quadro de árbitros da F. C. D. Nota-se perfeitamente, a falta de competência e responsabilidade assumidas pelos mesmos. São indivíduos que desconhecem as regras do futebol. Uns, dirigem pelepas visando unicamente as parcelas das rendas, que lhes cabem; outros, entram no gramado já vencidos pelos assistentes, que antecipadamente lhes ameaçam; outros, conhecedores levemente das regras, vão ao campo para prejudicar um clube e, assim por diante, temos árbitros de todos os tipos. E, além de desconhecem as normas do futebol, deixam que os clubes preliantes pratiquem jogos violentos.

O juiz deverá sempre ter em mente que ele é uma autoridade em campo, e no entanto, não emprega a sua verdadeira função. Os elementos indisciplinados, que atuam em nosso gramado, não são de todo culpados de seus atos, mas sim nossos juizes que toleram tudo, sem uma qualquer repreensão. Temos assistido a partidas, que, do principio ao fim do tempo regulamentar, se nos apresentam cheias de "ponta-pés" e "soladas", e sem nenhuma intervenção de nossos juizes, no sentido de impedir êsses atos nocivos ao desenvolvimento de um bom futebol. E, muitas vezes, não se finalizam os encontros em virtude de um "sururú" surgido no campo, entre o árbitro e jogadores, como aconteceu na pelepas entre Figueirense F. C. e Caravana do Ar F. C.

Entretanto, resta-nos uma esperança: é que a F. C. D., com seu novo presidente, resolva este problema, em vez de ter "bate-papos" inúteis no Tribunal de Penas, suspendendo e advertindo atletas. Em lugar deste Tribunal, a F. C. D. deverá manter uma escola de árbitros, exigindo a obrigatoriedade de assistência dos respectivos juizes, dirigida por pessoas competentes no assunto, e não ter uma escola, como de fato possui, que serve apenas para constar em livros.

É sabido que a crise de bons juizes, em nosso país, é grande, mas com todas as suas falhas não conseguem suplantar as dos nossos.

E assim o nosso futebol: juizes que não são juizes, são assistentes; e jogos que não são jogos: são "peladas".

Como sempre, as rodadas disputadas até o momento, em prosseguimento ao campeonato da cidade, se apresentaram falhas e mediocres, notando-se melhoria sensível de algumas equipes e fracassos de outras. Das rodadas disputadas, apenas mais duas são dig-

nas de alguma apreciação: a primeira do encontro entre os quadros representativos do Paula Ramos E. C. e do Caravana do Ar E. C. Essa partida realizou-se bastante movimentada, de vez que o Caravana conseguiu surpreender o bravo clube tricolor da Praia de Fôra pelo escore de 3 a 2, o qual se mantinha na vice-liderança do campeonato, com uma só derrota. O Caravana do Ar, além do marcador a seu favor, exerceu um padrão de jogo à altura de um bom futebol, pois o seu quadro articulou-se excelentemente, desde a sua defesa, segura, até o seu ataque, infiltrador, e perigoso. É de admirar a conduta técnica dos caravaneiros, adotada nesse jogo, pois até agora não tinham convenção aos espectadores do esporte-rei. O Paula Ramos, por sua vez, nesse cotejo, não desenvolveu seu jogo costumeiro, fracassando consideravelmente nos pontos altos de sua equipe, favorecendo assim uma boa exibição do Caravana do Ar.

O segundo match, trata-se do encontro entre as equipes do Avai F. C. e do A. D. Colegial. Apresentaram-nos os dois contendores um futebol bem praticado. O jogo se desenvolveu, primeiramente, favorável aos "meninos de ouro", que, em uma grande tarde, dominaram o primeiro período do cotejo, não sendo porém felizes no placard, que marcava um tento a favor dos avaianos. No segundo tempo, houve equilíbrio de forças, notando-se nessa altura que o Avai aproveitava melhor seus ataques. Com a saída do zagueiro Dinhoça, do Colegial, que se havia contudido, tendo até então se exibido magnificamente, a defesa colegiana caiu completamente. Dai nasceram mais dois tentos favoráveis aos alvicelestes. Apesar da derrota, o A. D. Colegial apresentou um quadro bem treinado, mostrando melhor jogo do que seu adversário. O Avai F. C., com todos seus grandes valores individuais, caiu consideravelmente de produção, o que aliás se vem notando dia a dia.

### UM "CRACK" POR MES

Carlos Minelli Filho

Figurando no Paula Ramos E. C., como médio direito, Minella, como é conhecido nos meios esportivos, é uma grande figura do futebol catarinense. Perfeito controlador da pelota, sabe ele se impor ao adversário e se exhibe com grande destaque em todas as partidas em que toma parte. Atua no tricolor da Praia de Fôra, como médio avançado e desempenha dois papéis: alimentador do ataque e marcador do flanco esquerdo do time adversário. Apesar dessa difícil incumbência, Minella se apresenta sempre em plano desastável. Possuidor de altas qualidades pebolísticas, Minella figura em nosso futebol, atualmente, como melhor half-back-esquerdo. Sua carreira esportiva é das mais brilhantes. Iniciou-a aos 16 anos, participando em jogos na várzea, atuando de meia direita. Disputou o campeonato de 1933, sendo campeão estadual pelo Figueirense F. C. Em 1940, continuou no mesmo clube. Em 1941, atuou de meia direita no Iris F. C. Em 1942, foi paralizado o campeonato da cidade. Nesse mesmo ano, Minella fez duas brilhantes partidas: uma contra o afamado E. C. Recife, pelo Avai F. C., de half-back-direito, conseguindo dominar o meia Ademir, atual jogador do selecionado brasileiro; a outra contra o Corinthians, da capital paulista, marcando o pênalti esquerdo Hércules. Em 1943, disputou o campeonato de amadores pelo Paula Ramos E. C., sendo campeão pelo mesmo. Em 1944, continuou no mesmo clube. Em 1945, integrou às fileiras do clube Atlético Catarinense. Em 1946, votou ao se antigo clube, o tricolor Palaramense e este ano, finalmente, se exhibe a contento no mesmo clube.

Elemento de primeira grandeza, ostenta física e técnica ótimas qualidades, já sendo um "player" consagrado pelo aficcionado público esportivo, como um dos mais credenciados elementos de defesa, que pisam os gramados catarinenses.